

Sexismo nas aulas de Educação Física: a relação entre pluralidade cultural e diferenciação de gêneros

Sexism in the Physical Education classes: the relationship between
cultural pluralism and gender differentiation

DOI: <https://doi.org/10.36453/cefe.2011.v10.n18.p59>

Gabriel Andrade Paz

Licenciado em Educação Física pela
Universidade Castelo Branco (UCB).
Membro do Grupo de Biodinâmica do
Exercício, Saúde e Performance
(BIODESP).

Marianna de Freitas Maia

Licenciada em Educação Física pela
Universidade Castelo Branco (UCB).
Membro do Grupo de Biodinâmica do
Exercício, Saúde e Performance
(BIODESP).

Resumo: O objetivo do presente estudo foi verificar se existe associação entre aspectos da pluralidade cultural e sexismo nas aulas de EF no Ensino Fundamental segundo a afirmação do docente. Foi realizada uma pesquisa do tipo exploratória descritiva através de estudo de campo. A amostra foi composta por 10 docentes de EF de ambos os sexos que atuam em turmas do Ensino Fundamental em escolas da rede municipal do Rio de Janeiro. Realizou-se uma entrevista com 5 questões referentes aos temas: diversidade de conteúdos, organização da turma, solução de conflitos e diferenciação de gêneros. No tratamento estatístico utilizou-se a análise de conteúdo considerando os dados qualitativos estudados. Os resultados demonstraram que a maioria dos docentes utiliza os parâmetros curriculares nacionais como referência para seleção dos conteúdos, resolução de conflitos e organização da turma, predominando as aulas co-educativas. Por outro lado, foi observado que nas aulas de EF ainda ocorrem casos de sexismo relacionados ao desempenho e características individuais de meninas e meninos.

Palavras-chave: Sexismo; Educação Física; Interação social.

Abstract: The purpose of this study was to assess the association between aspects of cultural plurality and sexism in PE classes in elementary school as witnessed by teachers. We performed a descriptive exploratory research through field study. The sample consisted of 10 PE teachers of both sexes working in the elementary school classes in schools of the city of Rio de Janeiro. We conducted an interview with questions pertaining to five themes: diversity of content, organization of class, conflict resolution and differentiation of genres. In the statistical analysis was used the content studied considering the qualitative data. The results showed that most teachers use the national curriculum guidelines as a reference for selection of content, organization and conflict resolution class, predominantly co-educational classes. On the other hand, it was observed that the PE classes also occur cases of sexism related to performance and individual characteristics of girls and boys.

Keywords: Sexism; Physical Education; Social interaction.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Brasil (1998), as aulas de Educação Física devem capacitar os alunos para participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, adotando assim atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas e esportivas.

Nas aulas de Educação Física é que os alunos e professores irão atualizar os sentidos produzidos no meio em que vivem acerca do corpo e das práticas corporais, de maneira a considerar a complexidade inerente a tais fenômenos sociais (RODRIGUES JUNIOR; SILVA, 2008).

De acordo com Melhem (2009), o professor de Educação Física no Ensino Fundamental deve, a partir de cada atividade, explicar as potencialidades do movimento em movimentos sociais e históricos que formalizam a participação social e política para uma efetiva cidadania participativa. Neste contexto, o esporte, o jogo e o lazer só fazem sentido mediante o movimento e a participação.

Entretanto as aulas de Educação Física não asseguram a interação entre meninos e meninas, assim como, o respeito à diversidade cultural encontrada nas escolas. Outro aspecto, como por exemplo, a proporção de gêneros na turma e as características da mesma podem determinar o domínio ou interação entre os alunos (MENEZES; SANTOS; SÁ, 2010). Neste contexto, gênero refere-se não somente ao sexo, mas também as diferenças sociais que estão atreladas as características pessoais que envolvem meninas e meninos (RIBEIRO, 2006).

No que diz respeito às diferenças entre as competências de meninos e meninas deve-se ter cuidado, posto que muitas diferenças são determinadas social e culturalmente e decorrem para além das vivências anteriores de cada aluno, de preconceitos e comportamentos estereotipados caracterizando o sexismo, ou seja, o privilégio e/ou prevalência de atitudes, valores e conceitos relacionados a sujeitos de um determinado gênero em detrimento de sujeitos do outro gênero (AUAD, 2006).

Em outros termos, esta diferença não se restringe somente as características anatômicas e fisiológicas. Dayrell (2007) afirma que esses aspectos observados nas aulas de Educação Física estão associados às diversidades culturais característica do país e enfatiza que a música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, tem sido os mediadores que articulam jovens, que se agregam para produzir diversas formas de cultura.

De acordo com Brasil (1998), a pluralidade cultural constitui uma multiplicidade de aspectos que incluem o respeito aos diferentes grupos e culturas que compõem o mosaico étnico brasileiro e mundial, incentivando o convívio dos diversos grupos e fazer dessa característica um fator de enriquecimento cultural. Propõe, assim, o respeito às diferenças e enriquecimento com elas e, ao mesmo tempo, valorizar a própria identidade cultural e regional.

Formiga, Golveia e Santos (2002), em estudo que adaptou para o Brasil o inventário de sexismo ambivalente (ISA) observou que os homens apresentaram valores médios maiores relacionados ao sexismo hostil, que caracteriza crenças e práticas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo a intolerância e antipatia em relação ao papel da mulher na sociedade. Já as mulheres apresentaram maior pontuação nas questões relacionadas ao sexismo benévolo, que possui um sentido paternalista descrevendo a mulher como ser frágil, que necessita de atenção, mas que pode também complementar o homem.

Como visto anteriormente o sexismo (como arbitrariedade) apresenta diferentes características de acordo com o contexto ao qual é observado. Desta forma, a pesquisa é relevante, pois trata de um tema que vem promovendo diversas transformações na sociedade e se faz presente nas aulas de Educação Física.

O estudo se justifica porque pode contribuir com profissionais da educação e de outras áreas através de evidências que possibilitem melhor compreensão e/ou elaboração de propostas didáticas para desenvolver o relacionamento entre os alunos nas aulas de Educação Física. Logo o objetivo da pesquisa foi verificar se existe associação entre pluralidade cultural e diferenciação de gêneros nas aulas de Educação Física para o Ensino Fundamental segundo a afirmação do docente.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa do tipo exploratória descritiva (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007), objetivada através de estudo de campo, na forma de pesquisa social que, de acordo com Fachin (2006), caracterizada pela observação do contexto social onde o problema é detectado e as técnicas devem-se adaptar ao método de domínio do pesquisador.

A amostra foi composta por 10 docentes de Educação Física de ambos os sexos que atuam em turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental em escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro localizadas nos bairros de Realengo, Magalhães Bastos e Sulacap na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Há de se considerar que o estudo assume o caráter de validade interna, ou seja, a validade das inferências sobre os resultados estão relacionadas somente aos indivíduos que participaram do estudo (POMPEU, 2006).

Os docentes foram selecionados de forma intencional e de acordo com a disponibilidade para participar da pesquisa. O critério utilizado para escolha dos bairros e das escolas foi a proximidade dos mesmos em relação a Universidade Castelo Branco (UCB), com a finalidade de atuar na região em que o estudo foi desenvolvido.

Para a realização do estudo foi respeitada a resolução nº 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde (1996), que dispõe sobre as normas de pesquisa com seres humanos no Brasil, considerando que a pesquisa foi devidamente aprovada pela Comissão de Ética do Curso de Educação Física da UCB sob o processo de nº 006.

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos foi realizada uma entrevista pessoal que, segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007), é um instrumento válido em pesquisas descritivas, porque as respostas tendem a ser mais confiáveis e apresentam um caráter mais adaptável, ou seja, as perguntas podem ser reformuladas e pode-se buscar esclarecimento por meio de questões subsequentes.

A entrevista foi orientada por cinco questões (Tabela 2) referentes aos temas: proposta pedagógica, organização da turma, solução de conflitos e diferenciação de gêneros, respectivamente. As entrevistas foram realizadas com a devida auto-

rização dos diretores das instituições de ensino, esclarecendo as características do estudo e seus devidos fins. Para registrar a entrevistas utilizou-se um gravador (SONY LCD-PX 820).

Após a realização da entrevista, os dados coletados foram transcritos e explorados através da estatística descritiva com base nas orientações sugeridas para análise de conteúdo segundo Bardin (2002), que é o método pelo qual cada entrevista é reduzida a um conjunto de proposições, caracterizando a procura de interseção desses conjuntos, ou seja, procurando pontos comuns para além das proposições, essencialmente as relações entre elas.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na Tabela 1, são apresentados valores médios, percentuais e frequências dos dados amostrais que caracterizaram os participantes da pesquisa.

Tabela 1 - Caracterização da Amostra

Características	Classificação	Percentual
Sexo	Feminino	40% (4)
	Masculino	60% (6)
Idade	Anos	47,20 ± 19,64
Tempo de Magistério	Anos	20,70 ± 10,16

As questões presentes no formulário de entrevista realizada com os docentes podem ser observadas na Tabela 2, na mesma ordem de aplicação do material supracitado.

Tabela 2 - Questões (Q) da entrevista pessoal realizada com os docentes

Q1	Você se baseia em alguma proposta pedagógica para elaborar as aulas de Educação Física?
Q2	Como os alunos são organizados para a realização das aulas de Educação Física?
Q3	Durante as aulas de Educação Física é comum acontecerem conflitos entre os alunos, devido ao contato mais frequente. Como você soluciona esses conflitos?
Q4	Quais são as atitudes mais frequentes dos alunos durante as aulas por conta das diferenças entre os gêneros?

Artigo Original

Em relação às respostas da Q1, que abordou a proposta pedagógica possivelmente utilizada pelo docente nas aulas de Educação Física, foi observado que 60% dos docentes afirmaram utilizar as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais como referência para os conteúdos presentes nas aulas de Educação Física, ou seja, os esportes, lutas, atividades rítmicas e outras atividades que desenvolvem a cultura corporal do movimento estão presentes nas aulas, adaptados de acordo com a realidade da escola.

Entretanto, os demais docentes (40%) afirmaram que utilizam critérios pessoais para a escolha dos conteúdos predominando de certa forma o conceito de esporte como meio educacional, ou seja, aspectos como realidade de trabalho e características da comunidade foram às justificativas que os docentes apresentaram em suas respostas, como foi observado no discurso de desses docentes:

[...] Eu procuro desenvolver as atividades esportivas como um meio e não como um fim. Então utilizo o futebol, o voleibol e o basquete principalmente como um meio de integração, socialização e formação do cidadão nas atividades. E com relação aos critérios, são critérios pessoais que eu procurei utilizar ao longo do tempo de observação que fiz dos meus alunos [...].

Segundo Brasil (1998), as aulas de Educação Física devem oportunizar o aluno conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do Mundo, reconhecer que ele é elemento integrante de um todo constituído de diversidades éticas, sociais, culturais e políticas.

Para Rodrigues Junior e Silva (2008), o papel das aulas de Educação Física é abrir possibilidades de significação a respeito da corporeidade, reconhecendo a aula como um espaço de construção conjunta entre alunos e professores. Esta, por sua vez, pode ser entendida também como a tensão necessária, que desestabiliza o conhecimento do senso comum e possibilita a construção de algo novo “produzido a partir da inter-relação entre os sujeitos”.

Ainda segundo Soares *et al.* (1992), a Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola do conhecimento provindo da cultura corporal, desta forma, ela será configurada com temas ou formas de atividades, particular-

mente corporais, como o jogo, o esporte, a ginástica e a dança, que visam desenvolver a expressão corporal como linguagem.

Na Q2 referente à organização dos alunos durante as aulas de Educação Física, observou-se que 80% dos docentes trabalham com aulas co-educativas, ou seja, meninas e meninos atuam integrados durante toda a aula de Educação Física, no qual o professor procura minimizar ou reverter qualquer tipo de hierarquia entre os gêneros, como foi observado no discurso de um dos docentes:

[...] Bem a aula é organizada com meninos e meninas sempre juntos, e todas as vezes que tem necessidade de formar dupla, trios, quartetos. Eu os coloco sempre intercalando um menino e uma menina e trabalhando em pequenos grupos para em seguida formar grandes grupos, que refletem a questão da sociedade, onde não se vive sozinho. Você não pode viver em torno de si mesmo, ou seja, você faz parte de outros grupos, mas naquele momento da atividade você tem que se adaptar a essas variações [...].

Por outro lado os demais docentes (20%) trabalham com os alunos divididos por sexo ou agrupados por afinidade, ou seja, meninos realizam atividades diferentes das meninas na maior parte do tempo. Essa condição pode ser observada no discurso de um desses docentes:

[...] Geralmente a turma é organizada em grupos distintos, que eu procuro dividir de forma homogênea, ou seja, meninos são organizados em diferentes espaços das meninas, porque geralmente isso acaba gerando conflitos entre eles quando estão muito juntos [...].

De acordo com Saraiva (2005), o ideal da co-educação objetiva problematizar as relações de gênero, buscando uma compreensão da construção cultural das diferentes posições de poder ocupadas pelo feminino em relação ao masculino e vice-versa na nossa sociedade.

Todavia, há de se considerar a atuação do professor de Educação Física no processo de conscientização do aluno a respeito de qualquer tipo de preconceito e discriminação. Segundo Assis e Oliveira (2010), a maioria dos docentes não compreende o conceito de inclusão social que é associado a uma abordagem moralista concreta de igualdade social.

Na Q3, referente à resolução de conflitos entre os alunos durante as aulas de Educação Fi-

sica, observou-se que 70% dos docentes utilizam prioritariamente o diálogo para mediar os conflitos, estabelecendo limites referentes a atitudes adequadas para o bom andamento da aula, ou seja, a conscientização é a ferramenta mais utilizada por esses professores.

Os dois outros docentes destacaram a importância dos jogos cooperativos, que são realizados com a finalidade de melhorar o relacionamento entre os alunos, valorizando o trabalho em equipe, no qual todos atuam convergindo para um mesmo objetivo. Esse discurso pode ser observado na resposta de um desses docentes:

[...] Quanto ao relacionamento entre os alunos nas aulas de Educação Física, normalmente eu procuro trabalhar em cima de atividades que não geram conflitos entre eles, como por exemplo, os jogos cooperativos [...].

De acordo com Brotto (1995), jogar cooperativamente é jogar com o outro e não contra o outro, todos ganham ou todos perdem juntos, joga-se para superar desafios. A proposta da cooperação é que as pessoas possam compartilhar situações, sentimentos, sensações, momentos, encontros, caracterizando um exercício de convivência.

Segundo Brasil (1998), um dos objetivos da educação é ajudar as crianças em grupo de maneira produtiva, de modo cooperativo. É preciso proporcionar situações nas quais as crianças possam aprender a dialogar, a ouvir o outro, ajudá-lo, pedir ajuda, trocar ideias e experiências, aproveitar críticas sejam atitudes possíveis de serem exercidas.

Entretanto, um dos docentes afirmou agir de outra forma, na eminência de conflitos entre os alunos, admitindo tomar atitudes que são didaticamente ultrapassadas, como por exemplo, passar cópias para o aluno fazer, dar advertências para o responsável assinar, suspender aulas práticas, e até mesmo separar meninas e meninos durante as aulas, para possivelmente evitar conflitos e brigas. Como pode ser visto no trecho:

[...] Eles brigam toda hora, se agredem, desrespeitam o professor e quebram o material da escola, geralmente eu tiro pontos da média do aluno ou dou algumas advertências para os alunos que se comportam de maneira errada [...].

De acordo com Dayrell (2007) a sociabilidade para os jovens pode responder às suas necessi-

dades de comunicação, solidariedade, autonomia, democracia, de trocas afetivas e de identidade, e quando certos valores estão ausentes, há uma alteração no comportamento do ser.

Por outro lado, Brasil (1998) destaca a importância das regras, pois à medida que ocorre uma ampliação da capacidade de brincar, as crianças começam a praticar jogos coletivos, nos quais essa questão da sociabilidade fica bem clara, onde a regra se torna um exercício da vida em sociedade relacionada ao respeito e limites.

Neste contexto, os familiares e professores são os principais responsáveis pela orientação do aluno, sendo essencial a consciência dos mesmos no processo de formação do cidadão que respeita as diferenças entre gêneros em benefício de uma sociedade igualitária (BROWN; LEAPER, 2010).

A Q4 relacionada a atitudes dos alunos que possivelmente estejam associadas à diferenciação de gêneros verificou-se que 80% dos docentes, disseram não perceber tais atitudes durante as aulas de EF, como visto no discurso de um dos docentes:

[...] Há muito tempo já não se trabalha mais com a divisão por sexo. Não há aulas só para meninas ou aulas só para meninos. Logo, há um trabalho com um cunho mais cooperativo: atividades com jogos, atividades e brincadeiras, onde as crianças são inseridas e agrupadas por motivação ou intervenção do professor [...].

Contudo, outro docente afirmou que prefere dividir a turma por sexo para evitar conflitos e brigas durante as aulas, sendo observada tal condição em seu discurso:

[...] Acredito que a melhor forma de organizar a turma é dividindo meninos e meninas, porque assim eu consigo evitar a questão da disputa, de um aluno querer aparecer mais que o outro, mas quando necessário eu faço essa organização de forma diferente, dividindo o espaço. A turma pode ser dividida também em duplas, depende muito da atividade que eu estou realizando no dia [...].

Outro docente considerou que a divisão por gênero é algo muito forte na sociedade, pois segundo sua concepção o aluno pode escolher que atividade realizar e com que colega interagir.

[...] Na maioria das vezes as aulas são mistas mesmo, mas tem um dia do mês que eu os deixo escolher o que eles querem fazer. Geralmen-

te nesse dia do mês, quando eu possibilito essa autonomia e eles se dividem, aí não tem jeito à questão de gênero é muito forte para eles, geralmente cada grupo (meninas e meninos) vai fazer uma atividade diferente [...].

As respostas dos docentes caracterizam em sua maioria uma abordagem inclusiva, buscando aproveitar as diferenças características de meninas e meninos como ferramenta para a aprendizagem nas aulas de Educação Física.

Todavia, foi observado que os docentes não apresentaram uma base pedagógica que possibilite estratégias pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento do tema abordado para a aprendizagem dos alunos no decorrer das aulas.

A interpretação de um evento como discriminação em relação ao gênero envolve uma série de experiências e contextos que dificilmente podem ser generalizadas. Em alguns casos, as razões pelas quais as pessoas supõem que foram discriminadas podem ser múltiplas e associadas entre si. Tais aspectos devem ser considerados na identificação de uma possível discriminação (BASTOS *et al.*, 2010).

Segundo Rosenberg, Moura e Silva (2009) em estudo que analisou os materiais didáticos relacionados ao sexismo, verificaram que as desigualdades sociais não atingem de mesmo modo os diferentes segmentos sociais, os movimentos sociais não são monolíticos internamente, tampouco compartilham de agendas políticas idênticas ou dispõem de mesmo repertório para apreender estereótipos e discriminações, ou ainda para produzir livros livres de discriminações de gênero, raça e idade que satisfaçam a todos.

Neste contexto, AUAD (2006) propõe uma transformação de diversos níveis da educação, englobando não apenas a legislação, o sistema educativo, as unidades escolares e os currículos, como também a capacitação e formação do profissional, a paridade do professorado, os livros didáticos e a interação entre professoras, professores, alunos e alunas.

Segundo Brandl (2008), nas últimas décadas o Brasil avançou na produção teórica relacionada à Educação Física escolar, mas a efetividade desse material é ainda limitada pela resistência dos alunos, docentes e poder público em promover mudanças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, os resultados observados caracterizam um avanço no processo de ensino-aprendizagem e formação do sócio-cultural do aluno, no qual o professor intervém promovendo a interação entre meninas e meninos. Tal fato possivelmente irá refletir no comportamento dos alunos na sociedade, considerando a Educação Física como referência no desenvolvimento do comportamento afetivo e social do aluno.

Por outro lado, foi observado nas respostas das entrevistas que alguns docentes não adotam uma fundamentação teórica definida, que vem a ser fundamental para estruturar um trabalho adequado e coerente nas aulas de Educação Física. Assim como, compreender todos os aspectos que compõe a diferenciação de gêneros ainda presente de diversas formas na sociedade, que pode vir a se manifestar muitas vezes durante as aulas.

De acordo com os dados obtidos, foi possível verificar que a maioria das aulas apresenta características semelhantes às aulas co-educativas, que procuram desenvolver uma aprendizagem integrada entre meninas e meninos.

Contudo, alguns docentes ainda separam meninas e meninos durante as aulas, reforçando determinados valores, estereótipos e preconceitos que podem estar associados à diferenciação de gêneros.

Outros fatores como a realidade social, cultural, geográfica, política e econômica da localidade onde a escola está situada podem vir a influenciar a organização e interação dos alunos durante as aulas, mas não foi possível determinar tal associação nas respostas obtidas.

Logo, é sugerida a realização de novos estudos com um número maior de docentes e/ou alunos, que possibilitem comparações e correlações dos fatores supracitados com outras variáveis que caracterizem a diferenciação de gêneros nas aulas de Educação Física.

5 REFERÊNCIAS

ASSIS, C.C.M.; OLIVEIRA, R.G. Diversidade Humana e Inclusão Social na Escola: discurso dos Professores de Educação Física. *Caderno de Educação Física*, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 17, p. 37-44, 2010.

- AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BASTOS, J.L.; GONÇALVES, H; FAERSTEIN, E.; BARROS, A.J. Experiências de discriminação entre universitários do Rio de Janeiro. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n.1, p. 28-38, 2010.
- BRANDL, C.E.H. A Educação Física escolar: houve mudanças significativas nas últimas décadas? **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 7, n.13, p 87-89, 2008.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física.** Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.
- BROTTO, F.O. **Jogos Cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar.** São Paulo: Cepeusp, 1995.
- BROWN, C.S.; LEAPER, C. Latina and European American girls' experiences with academic sexism and their self-concepts in mathematics and science during adolescence. **Sex Roles**, v. 63, p.860-70, 2010.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 196.** Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. 10 de outubro de 1996.
- DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.
- FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia.** 5. ed. São Paulo: Saraiva 2006.
- FORMIGA, N.S.; GOLVEIA, V.V.; SANTOS, M.N. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n.1, p. 103-111, 2002.
- MELHEM, A. **A prática da Educação Física na escola.** Rio de Janeiro: Sprint, 2009.
- MENEZES, I.S.; SANTOS, S.G.; SÁ, K.R. Relação entre meninos e meninas nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Coleção Pesquisa em Educação Física.** v. 9, n. 1, p. 245-50, 2010.
- POMPEU, F.A.M.S. **Guia para estudos em biodinâmica do movimento humano.** São Paulo: Phorte, 2006.
- RIBEIRO, J.S.B. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Caderno Pagu**, Rio de Janeiro, v. 26. p. 145-68. 2006.
- RODRIGUES JÚNIOR, J.C.; SILVA, C.L. A significação nas aulas de Educação Física: encontro e confronto dos diferentes "subúrbios" de conhecimento. **Pro-Posições.** v. 19, n. 1, p. 159-72, 2008.
- ROSEMBERG, F.; MOURA, N.C.; SILVA, P.V.B. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, p.489-519, 2009.
- SARAIVA, M.A. **Co-educação física e Esportes: quanto a diferença é mito.** 2ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- SOARES, C.L.; TAFFAREL, C.N.Z.; VARJAL, E.; FILHO, L.C.; ESCOBAR, M.O.; BRACHT, E.V. **Coletivo de Autores: Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

Correspondência:

Autor: Gabriel Andrade Paz

E-mail: gabriel.andrade.paz@gmail.com

Recebido em 21 de fevereiro de 2011.**Aceito em 24 de junho de 2011.**